

1. O campo do Farnafal, campo de tortura e de morte.

Como nos demais países fascistas, a ditadura portuguesa também criou um campo de concentração para presos políticos: o campo do Farnafal, situado em Cabe Verde, campo onde ainda hoje existe um grande número de presos, guardados pelas fechadas redes de arame farpado e pelas reluzentes baionetas dos soldados indígenas.



Não é fácil em meia dúzia de linhas explicar o que representa a imensa tragédia dos presos para os enviados. Quando um dia se fizer a história do campo do Farnafal, certamente que toda a gente estremecerá de espanto e de revolta pelas barbaridades ali praticadas.

Falar do Farnafal é por a nu os crimes infames empregados pelos ditadores portugueses para aniquilar por uma morte lenta mas infalível todos os que tinham a coragem de se manifestar contra o regime de opressão e tirania implantado no nosso país.

A semelhança de que se passou nos campos de concentração da Itália e da Alemanha, onde milhares de criaturas pagaram com a vida o seu muito amor à Liberdade, também no campo do Farnafal pereceram algumas boas dezenas de idealistas de todos os credos revolucionários, e os que escaparam à morte pode dizer-se que se encontram com a saúde <sup>completamente</sup> totalmente arruinada para sempre.

Foi em 1934 que este maldito campo foi criado, sendo o objectivo dos seus criadores fazer desaparecer totalmente os que conseguiram sobreviver às torturas infligidas nos antros tenebrosos da P. P. S. S. <sup>existentes</sup> no continente, ~~internados~~ <sup>onde</sup> ~~de antemão~~ <sup>se condenava</sup> a uma morte certa os que a polícia de Salazar considerava perigosos para a sua continuação.

nas cadeiras do poder.

Quere dizer: a ditadura portugueza não tem com seguio legalizar a pena de morte no nosso pais, mas matau-se em segredo dentro das masmorras da P. V. D. E., mediante os barbaros espancamentos e outros meios de tortura empregados pelos carcereiros e, por ultimo, para os que resistiam a todos os tormentos e monstruosidades estava ainda, lá longe, nas terras inospitas e mortíferas do arquipelago de Cabo Verde, o Tarrafal, onde a morte era mais ~~certa~~ <sup>certa</sup>, sem que a voz das victimas pudessem ser ouvida pelos seus parentes, amigos ou conhecidos.

Os esbirros da P. V. D. E. não tinham peço algum em declarar aos presos e com todo o cinismo que "se não declarassem iriam para o Tarrafal donde não voltariam", e aos que para ali eram deportados "que quem ta para ali ia para morrer."

É que ~~assim era~~ <sup>assim era</sup>, dadas as terríveis <sup>qua</sup> ~~condições~~ <sup>condições</sup> do clima de Cabo Verde e as pessimas condições do campo, prova-se pelo imenso numero de presos que lá perderam a vida, sobretudo nos primeiros tempos, em virtude da falta de habitacões proprias, da pessima e deficiente alimentacão, da agua inquinada e cheia de vermes e germes tóxicos. Los maus tratos e falta de assistencia medica, etc., etc. Mas que importava isso se o objectivo dos ditadores era meter, quanto mais depressa melhor, os presos que eram para ali enviados?

Quando o primeiro director do campo, o célebre Manuel dos Reis, mais conhecido pelo nome de "Manuel dos Arames", entrava de manhã no campo e era informado de que havia falecido mais um preso, ele não escondo o seu desgosto por em vez de um não terem sido mais.



3. Nas nossas alturas a máquina repressiva do campo  
ainda não estava devidamente montada. <sup>Montou-se</sup> ~~Organizou-se~~ <sup>e aperfeiçoou-se</sup> ~~debenaturou-se~~ depois com a chegada  
aqui do famoso capitão João da Silva, hoje director  
da prisão politica de Lezírias, ministro figure da ditadura portuguesa, o homem mais cínico que temos  
conhecido, enviado propositadamente à Itália e  
à Alemanha para estudar e trasladar para  
Portugal os métodos de repressão usados pelo  
fascismo nesses países.

Explicar o que foi a obra magnificável dessa  
~~abominável criatura~~ <sup>execranda figura</sup>, cuja moral é o que há de mais baixa  
e ignóbil, não é empresa fácil.

Desde o sistema de suborno e corrupção adoptado  
para levar os presos a denunciarem os seus cama-  
radas de prisão até à perseguição mais vil e  
afrontosa contra os que resistiam aos seus torpes  
propósitos, desde o <sup>hábito</sup> espancamento dos presos e  
o seu encarceramento na célebre <sup>auto-cámaras da prisão</sup> ~~prisão~~ <sup>onde se</sup>  
~~condemna a morte~~ <sup>onde se publica</sup> ~~de asfixia~~, e ~~de onde partia~~ <sup>livremente</sup> toda  
a ~~canta de parvoíces e insultos~~, até ao castigo dos  
presos pelos motivos mais fúteis, empregando os meios  
mais violentos e desumanos, tudo <sup>foi posto em</sup>  
prática pelo célebre capitão João da Silva, inq-  
uizidor-mor da ditadura, e que por desgraça nossa con-  
tinua a ser ainda director de uma das cadeias  
politicas do país.

O que os presos do Terrafel sofreram <sup>o seu</sup> ~~sofreram~~  
~~sofreram~~ é horrível! Pelo mais pequeno gesto, pela  
mais simples palavra, e as mais das vezes sem  
se saber porquê, os presos eram espancados durissimamente.



5- A "frigideira", assim chamada por de verão o calor ali ser deveras asfixiante e no inverno o frio ser intenso e rigoroso, é um tosco casinhoto de cimento, construído fora do campo e dividido em dois compartimentos, cada um dos quais mal chega a ter dois metros quadrados, onde os presos são metidos, para cumprimento dos castigos disciplinares aplicados naquele campo.

N. 61 / G. 59

Ficando num sítio absolutamente isolado, o que permite, portanto, os presos serem espancados à vontade <sup>pelos</sup> carcereiros, este casinhoto não tem luz de qualquer espécie, nem <sup>qualquer meio de</sup> ~~recibir~~ <sup>recibir</sup> ~~um~~ <sup>de</sup> ~~par~~ <sup>de</sup> ~~umas~~ <sup>de</sup> ~~paredes~~ <sup>de</sup> ~~para~~ <sup>de</sup> ~~ventilação.~~ A humidade, <sup>de</sup> ali é permanente, chegando o tecto a gotear <sup>de</sup> água <sup>de</sup> sobre os presos, <sup>em</sup> <sup>usitadas</sup> resultante da condensação dos vapores exalados pelos corpos. Não existem tarimbos nem camas de qualquer espécie, tendo os presos que dormir no chão frio e molhado e apenas com a roupa da ordem vestida, pois está <sup>é</sup> <sup>isto</sup> <sup>interdito</sup> levar para dentro qualquer meio de aquecimento, <sup>incluindo</sup> <sup>como</sup> <sup>as</sup> próprias botas. Lá dentro pulula toda a espécie de parasitas e insectos, ratos, baratas, aranhas e mosquitos, etc., e como não há luz, os presos são continuamente atacados por esses bicharocos sem que possam eliminá-los.

Geralmente o castigo na "frigideira" é quasi sempre agravado com a condição de metade do tempo a cumprir ali, ser a ração e outra metade ser ~~para~~ a pão e água, não faltando depois, na maioria dos casos, o espancamento, o insulto e outras violências praticadas na pessoa dos presos.

Não se creia, porém, que o tempo de castigo na "frigideira" dure apenas dois ou tres dias! Há presos que tiveram de suportar este regime 40, 60 e mais dias consecutivos. Quando de uma <sup>tentativa</sup>



Q, de fuga, feita por um grupo de cinco presos, estes depois de serem barbaramente espancados no momento da sua captura, e, depois, ainda na secretaria, por varias vezes, foram condenados a 60 dias de "frigideira", 60 dias, portanto, dormindo no ~~lago~~ <sup>chão</sup> frio de cimento e metade do tempo a rancho e metade a pão e água!

Toto passou-se em março de 1943, sendo director do campo nessa altura, o capitão Filipe Nascimento de Barros, ~~conhecido~~ <sup>alinhado</sup> ~~pelos~~ ~~presos~~ de "Abóbora" em virtude de a alimentação sob o seu mando ser feita em grande parte da abóbora que é vulgar dar-se aos suínos.

Mas no tempo do ~~inter~~ <sup>director</sup> João da Silva houve presos que chegaram a estar no "frigideira" ainda maior numero de dias e a falta de ~~perseguição~~ <sup>culpa</sup> era tão grande, que chegavam a ser ~~metidos~~ <sup>metidos</sup> ao mesmo tempo num ~~compartimento~~ <sup>de</sup> 6, 8, 10, 12 e mais presos, o que tornava impossivel o menor movimento e impossivel tambem a respiração, desmaiando por isso alguns <sup>por motivo</sup> ~~com~~ de calor e ~~com~~ do ar viciado.

Enfim, a "frigideira" marca bem o quanto tem de ~~brutal~~ <sup>brutal</sup> e ~~infame~~ <sup>infame</sup> e ~~atrocidade~~ <sup>atrocidade</sup> o sistema ~~para~~ o campo do Terra Sol e os <sup>criminosos</sup> processos de que ~~se~~ se servem os carcereiros da ditadura para aniquilar os presos que ali se encontram.

~~Mas não podemos ainda deixar de relatar um facto~~  
~~agora~~ Seriam precisas centenas de paginas para descrever todas as infâmias ali praticadas. Mas, falando da "frigideira", não podemos ~~deixar~~ <sup>ainda</sup> ~~de~~ ~~nos~~ ~~referir~~ ~~ao~~ ~~facto~~ ali passado e que regista bem a baixeza e a ~~falta~~ <sup>falta</sup> de ~~animosidade~~ <sup>animosidade</sup> dos alguns ~~seus~~ <sup>seus</sup> ~~guardas~~ <sup>guardas</sup> e ~~substitutos~~ <sup>substitutos</sup> ~~da~~ ~~parte~~ ~~do~~ ~~campo~~ <sup>da</sup> <sup>parte</sup> <sup>do</sup> <sup>campo</sup>.

É o seguinte. Chegamos-nos referir ao seguinte:  
Quando ~~fora~~ <sup>foi</sup> o Sr. Ferreira do Costa, deputado,



7 recebem ordem de regressar ao Continente, foi ~~convida~~  
do pelo chefe dos guardas, um tal Sur. Rui, (célebre  
também pela perseguição exercida aos presos) a cortar  
as barbas que usava, medida que afinal não passou  
de uma verdadeira vingança contra aquele preso, pelo  
fornecimento activo como este sempre se havia conduzido ~~para~~  
te os carcereiros, especialmente o Director de então, o célebre  
"Abóbora", a que já nos referimos. N. 61/4.59

Porém, como o Sr. Ferreira da Costa se recusasse a  
cumprir aquella ordem, verdadeiramente arbitraria e ve  
xatória, foi então mettido na infame "frigideira". Uma  
vez ali, foi novamente convidado à toquia, como  
se se tratasse de um carneiro; mas, em virtude de in  
sistindo na ~~atitude~~ <sup>atitude</sup> anteriormente ~~tomada~~  
~~de não se render~~ anteriormente ~~tomada~~ <sup>tomada</sup> o chefe dos guardas,  
o dito Sur. Rui, apoiado pela força bruta de alguns  
guardas, e apesar de todos os protestos e todos os esfor  
ços feitos pelo Sr. Ferreira da Costa, no sentido de impe  
dir a infâmia que se intentava contra a sua pes  
soa, o ~~ditto~~ Sur. Rui, diziamos, não teve pejo em  
usar ~~das~~ <sup>das</sup> ~~agarras~~ <sup>agarras</sup> ~~para~~ meios mais repugnantes e mais vio  
lentos para segurar ~~todos~~ <sup>todos</sup> ~~os~~ o Sr. Ferreira da Costa  
de modo <sup>que</sup> ~~os~~ barbeiros <sup>podem</sup> cortar as barbas, <sup>resultante</sup> ~~de que~~  
~~resulta~~ <sup>desto tudo</sup> o Sr. Ferreira da Costa sair bastante feri  
do, na cabeça e na cara.

Este caso ~~é~~ <sup>é</sup> ~~uma~~ <sup>uma</sup> ~~das~~ <sup>das</sup> ~~muitas~~ <sup>muitas</sup> ~~amostras~~ <sup>amostras</sup> ~~de~~  
~~infâmia~~ <sup>infâmias</sup> ~~muitas~~ <sup>muitas</sup> ~~perpetradas~~ <sup>perpetradas</sup> ~~na~~ <sup>na</sup> ~~célebre~~ <sup>célebre</sup>  
"frigideira", em face do <sup>seu</sup> ~~isolamento~~, ~~em~~ <sup>em</sup> ~~que~~ <sup>que</sup> ~~está~~,  
que permite, portanto, aos carcereiros, ~~toda~~ <sup>toda</sup> ~~obrar~~  
com toda a liberdade contra os presos, ainda que  
estes procurem resistir, <sup>empugnando</sup> ~~com~~ <sup>com</sup> ~~todas~~ <sup>todas</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~suas~~  
forças, contra os ~~animadversos~~ <sup>animadversos</sup> e ~~barbáricos~~ <sup>barbáricos</sup> ~~com~~  
mentos dos <sup>seus</sup> ~~esbirros~~. ~~de~~ <sup>de</sup> ~~campo~~.



12 é possível continuar a existir este ~~no~~ campo fatidico, causador de tanta dor e tanta desgraça?

¿ Como é possível justificar-se na hora actual, em que uma nova ordem de coisas se estabelece no mundo, tendentes à implementação da Justiça e da Liberdade, a continuação de presos ali, nas terríveis condições que expusemos?

¿ Será possível continuar a manter-se de pé o mesmo regime de crueldade e de despotismo em pregado ali pelos carcereiros?

Ainda há dias chegou ao nosso conhecimento que o tal senhor Rui, actual chefe dos guardas criatura a quem ~~os~~ nos referimos, cometera mais um monstruoso crime na pessoa do preso Manuel da Costa. Havendo ~~este~~ sido chamado à secretaria para dar explicações acerca de teor de urna carta que havia escrito a um seu filho, carta em que dizia " que se não tivesse dinheiro para os selos venderia o pão ou pediria a importância necessaria a qual que cama-raela," e tendo o ~~dito~~ tal senhor Rui dito que o preso Manuel da Costa, em vez de proceder assim devia antes ~~se~~ dirigir-se à secretaria a pedir o dinheiro para os selos, ~~se~~ ~~coisa~~ como o preso Manuel da Costa declarasse não ~~querer~~ <sup>desejar</sup> ~~querer~~ <sup>querer</sup> aquita





13, tal inferno, o dito Sr. Rui condenuou o  
 referido preso a 30 dias de frigidreira. <sup>Porém</sup> ~~ora~~ como  
 o preso Manuel da Costa era um individuo fofo de  
 idade, e para mais um diabético, ao fim de cum-  
 prir a pena o seu estado de saúde tornou-se agrava-  
 vado enormemente, a ponto de, passados alguns  
 dias, morrer. Ora o procedimento do <sup>dito</sup> Sr. Rui  
 neste caso é o que há de mais indigno e barbaro,  
 revelando bem os seus maus instintos e o  
 seu <sup>carácter despótico e desumano</sup> ~~baixo~~ ~~estofa~~ ~~moral~~ e social. É mais uma  
 façanha a acrescentar ao número de tantas que  
 tem praticado ali contra os presos, a quem é de usura  
 tratar, por tu <sup>com ar</sup> ~~em tom de~~ <sup>superioridade</sup> ~~rebaixamento~~, e que um dia  
~~por~~ com ar de superioridade e no sentido de inferiorizar  
 os presos, valendo-lhe isso um dia ser advertido por  
 um preso, ~~do~~ preso que pela "ousadia" praticada (no seu  
 entender), foi também castigado com a "frigidreira".  
 Isto <sup>é</sup> ~~uma~~ <sup>uma</sup> amostra do procedimento baixo e indigno  
 do dito Sr. Rui, revela ao mesmo tempo os métodos  
 de violência e de perseguições usados pelos carcerei-  
 ros no Campo do Farofal.



Urge, pois, o mais rápido possível, em nome dos  
 Direitos do Homem, da Justiça e da Liberdade  
 terminar com o negregado campo e restituir à  
 Liberdade ~~de~~ imediatamente os presos que ainda  
 ali ~~se~~ encontram indevidamente, sofrendo as injú-  
 rias dos carcereiros e ~~de~~ as torturas de um clima <sup>insu-  
 pito</sup>, tendo a sua saúde ~~si~~ completamente avariada.